

1000 Arana
RNR 0000 Nova

Legítimos caras pintadas

► Povo indígena Arana luta para provar que está vivo e reaver terras que eram suas no passado

O Brasil completa 500 anos e, às vésperas das comemorações do grande feito dos portugueses, um povo indígena ignora a festa oficial do governo brasileiro. Luta bravamente para resgatar e preservar sua história, sua cultura e reconquistar a terra que lhes foi tirada pelos colonizadores. Com a valentia e coragem dos guerreiros, seus antepassados e donos de vasta extensão territorial nas regiões dos vales do Mucuri e do Jequitinhonha, este povo pinta a cara e anuncia: os Arana estão vivos!

TIM FILHO
SUCURSAL LESTE

Quando os portugueses chegaram ao Brasil, o território mineiro era dominado por inúmeros povos, como os Maxakali, Poté, Nakenuk, Pojichá e Arana. O povo Arana dominava uma faixa de terra que se estendia desde Capelinha até Malacacheta, Poté e Itambacuri. Pertenciam ao grupo Macro-Gê e falavam a mesma língua dos Krenake. A colonização expulsou todos os povos de suas terras. Nações indígenas como Poté, Nakenuk e Pojichá desapareceram. Os Arana também foram dados como extintos. A pedagoga indigenista Geralda Chaves Soares, da equipe do Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva (Cedefes), diz que o índio brasileiro seguiu um ciclo perverso: eram guerreiros, donos da terra; passaram a inimigos do

Estado, escravos, agregados ou posseiros; trabalhadores rurais sem-terra, artesãos, moradores de periferia das cidades.

Com os Arana, a história não foi diferente. Até o final do século XIX eles eram guerreiros, donos da terra. Nessa época, o Vale do Mucuri começa a receber os emigrantes alemães que iniciaram a colonização na região de Teófilo Otoni. Os padres capuchinhos implantam uma nova catequese, criando o aldeamento indígena de Nossa Senhora dos Anjos de Itambacuri, que duraria até 1915. Geralda Soares conta que a história oficial registra o extermínio de mais de dois mil índios Arana aldeados em Nossa Senhora dos Anjos. "Existem relatos de tráfico de crianças indígenas que eram levadas para serem criadas em fazendas". Nestas condições, o povo Arana perdeu sua terra, sua cultura, e foi se definindo, num exílio que parecia não ter fim.



OS ARANA dominavam o trecho que ia de Capelinha até Malacacheta, Poté e Itambacuri

FOTOS AILTON CATÃO

Desagregação sem as terras

Durante mais de cem anos, os Arana seguiram o ciclo dos índios desterrados. As famílias se desagregaram e seguiram caminhos opostos. Atualmente, eles estão dispersos entre Araçuaí, Virgem da Lapa, Ponto dos Volantes, São Paulo, Belo Horizonte, Juatuba, Itinga e Pará de Minas. A maioria dos descendentes tem o sobrenome "índio" acrescido ao nome, são reconhecidos - e discriminados - pelos moradores das cidades onde moram como povo indígena. Falta só o reconhecimento

oficial do governo para ter fim o exílio secular.

A emergência dos Arana é resultado de uma luta do próprio povo, que conta com a solidariedade dos índios Pankararu, de Coronel Murta, e o apoio da pedagoga indigenista Geralda Soares, chamada carinhosamente de "Gêra" pelos indígenas, e da antropóloga Isabel Missagia Mattos, que está em contato permanente com eles recolhendo material para sua tese de doutorado em Antropologia na Unicamp.

Gêra explica que o povo Arana, até 1994, tinha poucas ligações com a história e cultura dos antepassados. A chegada dos índios Pankararu em Coronel Murta, naquele ano, acendeu a chama de vida do povo Arana. Até então, os Pankararu - que saíram de Pernambuco fugindo da inundação de suas terras pelo lago da hidrelétrica de Itaparica - moravam com os Pataxós, em Carmésia. Foram para Coronel Murta ocupar uma área de 60 hectares doados pela Diocese de Araçuaí na Fazenda Alagadiço.



A PEDAGOGA indigenista Geralda Soares apóia a luta

Festa para a vitória

O caminho que o povo Arana terá que percorrer para ser reconhecido é penoso. Maria da Paixão Araújo Miranda, 33 anos, a "Nena", uma das líderes do movimento de ressurgimento dos Arana, coloca o seu cocar com penas de periquito e brinca. "Índio sem pena, ninguém tem pena". A brincadeira, comum entre os Pankararu e os Arana do Jequitinhonha, tem motivo especial. Se o índio não estiver vestido a caráter, corre o risco de ser considerado "homem branco", como aconteceu com os Kaxixó, da região de Três Marias, que não foram reconhecidos de imediato pela Funai.

Os Arana já têm pronto um dossiê. Falta anexar alguns documentos importantes que estão sendo pesquisados em Itambacuri, além do laudo antropológico que será feito ainda este ano pelo Cedefes. O reconhecimento vai garantir vários direitos constitucionais aos Arana. A terra é o principal.

Nena já cortou cana nos canaviais paulistas. O marido virou migrante da seca e continua cortando cana. Outros Arana também estão trabalhando em território paulista. O direito à saúde é outra reivindicação da tribo, que passa muitas dificuldades para conseguir consultas, remédios e fazer exames.

Gêra confia na vitória dos Arana e chega a prever a festa de reconhecimento do povo. "Vai ser bonita, com todo o povo reunido", diz. Com certeza, esta festa terá muito "chamego", a bebida típica dos Arana, preparada com uma frutinha vermelha chamada de "quiabinho". Gêra sonha com a multiplicação dos Arana e diz que a luta deste povo pela terra pode servir de estímulo para outros povos indígenas, até agora silenciados. "O que temos a comemorar nesses 500 anos de Brasil é a vida dos Arana, dos Pankararu e de todos os outros povos indígenas", ressalta.



JOVERDIL ÍNDIO, o "Jóvi", mora em área da fazenda Alagadiço



NENA, DO povo Arana, encontra a indiazinha Yara Pankararu



NENA, ROSA e Neide não descansam enquanto não tiverem o reconhecimento do governo

Sonho de viver em grupo

O novo território Pankararu desvendou a história do povo Arana. A fazenda Aladiço era uma grande propriedade da família Murta, conquistada pelo Coronel Inácio Murta. Em 1944, uma filha de Inácio, conhecida como Dona Mariantina, herdeira da fazenda, resolveu doar a propriedade para a Diocese de Araçuaí.

Nos áureos tempos do Coronel Murta, no início deste século, um menino, "Mané Índio", foi trazido de Itambacuri para a fazenda, juntamente com uma menina índia. Anos mais tarde, os dois se casaram e tiveram três filhos. Um deles, Pedro Inácio Índio

de Souza, conhecido como "Pedro Índio" ou "Pedro Sangê", é o pai do atual povo Arana, que mora, em sua maioria, na fazenda Alagadiço e na fazenda do Campo, de Araçuaí. Uma de suas filhas, Rosa Índia, 49 anos, mora em Ponto dos Volantes.

Rosa Índia tem um sonho. O mesmo de todos os cerca de 200 membros de sua família. "Nós queremos morar todos juntos, num mesmo lugar, para plantar, colher e ter de volta o que já foi nosso". Rosa diz que não vai descansar enquanto não for reconhecida pelo governo como Arana. Ela tem poucas recordações do pai, que viveu grande

parte de sua vida na Fazenda do Campo, área de difícil acesso na zona rural de Araçuaí. O mesmo aconteceu com o seu irmão, Joverdil Índio, 76 anos, o "Jóvi", que mora em área da fazenda Alagadiço com a mulher Emiliana, 86 anos. Das poucas lembranças que guarda do pai, Jóvi conta alguns relatos que ouvia sobre o avô "Mané Índio". "Meu avô foi amansado ali", explica ele, mostrando uma área do Alagadiço perto de sua casa. Dona Emiliana traduz o que era, à época, amansar um índio: "Se o índio fizesse coisa errada, era corrigido com palmatória e chicotada".



INDIAZINHAS ARANA em Itambacuri no início do século